

Vegetação actual e potencial num contexto de elevada perturbação: A depressão de Chaves

Albano Figueiredo

Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, geografigue@gmail.com

O trabalho, do qual se apresenta este resumo, teve como principal objectivo a definição das condições potenciais da vegetação para a depressão de Chaves, pelo que todo o trabalho se estrutura como um processo de reunião de argumentos de suporte à definição das unidades de vegetação potencial.

Concorreu para a selecção desta área a falta de contributos neste âmbito, uma vez que as referências à vegetação de Trás-os-Montes têm sido especialmente dedicadas ao seu sector mais oriental. Além do tributo para o esclarecimento das condições de transição entre a Região Eurossiberiana e a Região Mediterrânea, dada a posição ocidental extrema da área no âmbito corológico mediterrâneo, indica-se ainda o interesse resultante da sua configuração geomorfológica particular e condições actuais da vegetação, manifestando elevada perturbação pelas actividades antrópicas.

A preceder a análise da vegetação actual, baseada na interpretação fitossociológica das comunidades com maior representatividade e orientada pelos pressupostos metodológicos da fitossociologia braun-blauquetiana da escola de Zürich-Montpellier, efectuou-se um levantamento dos aspectos geomorfológicos da área que serve de base a este trabalho, cuja descrição demorada se prende com a respectiva importância no condicionamento, directo ou indirecto, das características actuais e potenciais do coberto vegetal. Ao nível do cenário físico apresenta-se ainda um enquadramento bioclimático, o qual inclui uma análise do comportamento topoclimático da temperatura e humidade relativa para os períodos em que estes elementos podem condicionar o desenvolvimento vegetal¹, no sentido de identificar diferenças que ajudem a suportar a definição das unidades de vegetação potencial, dada a elevada perturbação das comunidades presentes. A esta caracterização bioclimática associa-se um enquadramento biogeográfico da área

em estudo, orientado pelas propostas de classificação mais relevantes e actuais.

Após o estudo dos aspectos físicos procede-se a uma análise das condições da vegetação actual, identificando alguns dos factores que mais contribuíram para o elevado grau de perturbação das comunidades, com destaque para aspectos históricos da ocupação humana deste território e condições de perturbação na actualidade. Neste âmbito, o domínio de comunidades arbustivas e a manifesta distância às condições do *climax* permitem identificar o grau de diatarquia da área em estudo, que é máximo no sector correspondente à planície aluvial do Tâmega, onde a ocupação agrícola dos solos de veiga fomentaram uma alteração profunda das condições da vegetação primitiva. Na verdade, as perturbações mais profundas do coberto vegetal correspondem a áreas com maiores potencialidades em termos de uso, enquanto que os biótopos de uso muito limitado pelas actividades humanas, aos quais se associam comunidades bastante resilientes, foram menos perturbados. Assim, a planície aluvial do Tâmega, tendo em conta as possíveis condições da vegetação primitiva (Cap. III), destaca-se como sendo a área que alterações mais profundas sofreu, determinadas pela adequação das suas condições ecológicas às necessidades humanas. Já as vertentes declivosas rematadas por *chicots* graníticos e povoadas de afloramentos rochosos apenas serviram inicialmente de refúgio a populações castrejas, sendo remetidas a perturbação sistemática pelo fogo na actualidade.

O fundo florístico das associações vegetais presentes é constituído essencialmente por *taxa* associados à ambiência mediterrânea, frequentemente acompanhados por elementos transgressivos das associações eurossiberianas, aqui presentes em condições edáficas mais favoráveis. No âmbito de diferentes condições ecológicas presentes - climatófilas, edafo-xerófilas e edafo-higrófilas - destaca-se o domínio de uma massa arbustiva, constituída predominantemente por formações nano-microfanerofíticas da *Cytisetea scopario-striati* (comunidade basal de *Cytisus striatus*,

¹ - Monitorizou-se o período entre as 12:00h e as 18:00h no Verão e entre as 02:00h e as 08:30h no Inverno.

Lavandula sampaiana-*Cytisetum multiflori*) e da *Calluno-Ulicetea* (*Pterosparto lasianthi*-*Ericetum clineae*), de onde emergem pontualmente formações arbóreas muito perturbadas, resignadas frequentemente a bosques degradados, principalmente o *Physospermo cornubiensis*-*Quercetum suberis* das vertentes meso-xerófilas mesomediterrâneas. Já os carvalhais supramediterrâneos acidófilos do *Holco mollis*-*Quercetum pyrenaicae* evidenciam melhor representatividade, apesar das perturbações identificáveis e actual ameaça pela recorrência do fogo.

Com base na informação tratada nos capítulos anteriores, o último capítulo aborda as questões relacionadas com a aplicação do conceito de Vegetação Natural Potencial. Após um breve enquadramento teórico apresenta-se uma proposta de aplicação deste conceito à depressão de Chaves, baseada na identificação das séries de vegetação presentes e respectivas cabeças de série, com excepção da planície aluvial actual do Tâmega e depósitos aluvio-coluviais do fundo da depressão. Nestes sectores, dada a intensa perturbação determinada pelo seu intenso aproveitamento agrícola, que empresta dificuldades à definição das condições potenciais da vegetação, esta definição baseou-se num levantamento geomorfológico de pormenor, usos de solo dominantes, comportamento do nível freático e espécies vegetais indicadoras. As intervenções humanas com vista a uma utilização intensiva foram de tal forma importantes que motivaram uma alteração das condições ecológicas, favorecendo um desvio da vegetação potencial em relação à vegetação primitiva, nomeadamente pela realização de obras hidráulicas com vista a uma melhor drenagem da planície aluvial. Nas condições actuais a sua vegetação potencial parece corresponder, predominantemente, a freixiais, enquadrados entre os carvalhais do *Holco mollis*-*Quercetum pyrenaicae* e os amiais da *Carici lusitanici*-*Alnetum glutinosae*, o que pode remeter para alguma proximidade ao conceito de *Fraxino angustifoliae*-*Quercetum pyrenaicae*, dada a presença de elementos da *Rosenion carioti-pouzinii* (*Pruno-Rubion ulmifolii*). Nos sectores mais húmidos poderá derivar para uma subassociação dominada por freixo, com fraca ou quase nula presença da quercínea, como se pode verificar nalguns sectores de veiga afectados por processos de encharcamento mais prolongados, motivando o abandono de pastagens e instalação de um freixial acompanhado por vários elementos da *Rhamno-Prunetea*. Estes freixiais cedem perante salgueirais em sectores que sofrem de encharcamento durante um período significativo do ano, que sendo muito intenso dará lugar a amiais paludosos.

Potencialmente, estes freixiais prolongam-se digitalmente através dos depósitos fluviais associados

ao sector final das ribeiras, instalado no fundo da depressão, e são estrangidos pelas condições climatófilas das massas aluvio-coluvionares contíguas, que marcam a transição para as vertentes mesomediterrâneas. Neste avanço são travados pelo brusco aumento do declive e alteração das condições de dinâmica fluvial na transição do fundo da depressão para as vertentes, que passa de deposicional para erosiva. Os depósitos aluvio-coluviais de base de vertente, bem como os biótopos climatófilos das vertentes mesomediterrâneas, estão potencialmente associados a carvalhais dominados por *Quercus pyrenaica* Willd., podendo corresponder a uma situação em que o sintaxon *Holco mollis*-*Quercetum pyrenaicae*, que desce dos sectores supramediterrâneos, integra taxa com carácter mais atlântico e eurosiberiano, como *Quercus robur* L., *Daboecia cantabrica*, *Agrostis curtisii*, com especial representatividade no sector ocidental da depressão, e outros elementos do fundo florístico dos sobreirais contíguos. Estes sobreirais ocupam nestas vertentes os biótopos termo-xerófilos, associados a condições edáficas incipientes e afloramentos rochosos frequentes, assumindo representatividade significativa entre os 500 e os 700 metros de altitude em ambos os flancos da depressão.

As condições supramediterrâneas estão dominadas por carvalhais negrais, cuja definição está apenas interrompida em condições higrófilas, associadas aos sectores de cabeceira instalados na superfície fundamental da Meseta, onde processos de hidromorfia periódica, provocados por dificuldades na drenagem favorecem a instalação de salgueirais dominados por *Salix atrocinerea*. Nos sectores de maior altitude, em situações meso-higrófilas, pode definir-se um tipo de bosque interpretado como uma variante húmida dos carvalhais, os bidoais, que evidenciam melhor representatividade e regeneração no flanco ocidental, facto relacionado com o gradiente pluviométrico que percorre a depressão de Oeste para Este, com valores mais elevados a ocidente.

Palavras-chave: depressão de Chaves, perturbação antrópica, vegetação actual, vegetação natural potencial, fitossociologia.